



# Discursos em Arqueologia

Textos oferecidos ao Professor Vítor Oliveira Jorge

Coordenadores:

M. Jesus Sanches • J. P. Cunha-Ribeiro • S. Monteiro-Rodrigues

Coimbra • Porto • 2012

M. Jesus Sanches • J. P. Cunha-Ribeiro • S. Monteiro-Rodrigues  
(Coordenadores)

# **Discursos em Arqueologia**

Textos oferecidos ao Professor Vítor Oliveira Jorge

**Coimbra • Porto • 2012**

# Índice

Prefácio .....	7
----------------	---

<i>Uma carreira em torno da Pré-história em tempos de mudança</i> João Pedro Cunha-Ribeiro.....	9
--	---

## 1. PERCURSOS TEMÁTICOS

<i>A Contribuição de Vítor Oliveira Jorge para os Estudos do Paleolítico em Portugal</i> João Pedro Cunha-Ribeiro; José Meireles; Sérgio Monteiro-Rodrigues .....	19
--	----

<i>Relembrar a Serra da Aboboreira: um projecto de arqueologia inovador na génese dos estudos de antracologia em Portugal</i> Isabel Figueiral.....	33
--	----

<i>Reflectindo sobre a arte dos dólmenes a propósito da evocação do contributo que o arqueólogo Vítor Oliveira Jorge deu para os estudos do megalitismo e suas iconografias</i> Maria de Jesus Sanches.....	43
--	----

<i>Castanheiro do Vento: Uma historiografia de percursos interpretativos</i> João Muralha Cardoso .....	67
--	----

<i>“Que Significa Fazer Arquitectura?”. Breve incursão em textos de Vítor Oliveira Jorge através da palavra arquitectura</i> Ana Vale; Lesley McFadyen .....	95
---	----

<i>V. O. Jorge: relaciones de arqueología ibérica</i> R. de Balbín Behrmann; P. Bueno Ramirez .....	105
--	-----

<i>Vítor Oliveira Jorge: o editor</i> Domingos Cruz .....	111
--	-----

## 2. ARQUEOLOGIA E POESIA

<i>A arqueologia entre as artes de suspender o mundo</i> Sérgio Alexandre Gomes . . . . .	121
<i>Quando os rios secos de outrora correm a direito</i> Maria João Cantinho . . . . .	129

## 3. PARA VÍTOR OLIVEIRA JORGE

<i>Archaeology and the Politics of Tradition</i> Julian Thomas . . . . .	135
<i>Sobre o que é o homem</i> Eugénia Cunha . . . . .	147
<i>Uma campanha alfacinha – convergências na arqueologia para ir sempre mais além</i> Luiz Oosterbeek . . . . .	155
<i>Homo qua Homo. O lugar singular de um corpo aprisionado.</i> <i>A obra O Aberto de Giorgio Agamben no contexto da relação entre</i> <i>homem e natureza, homem e técnica e entre natureza e história</i> Joana Alves-Ferreira . . . . .	167
<i>O Povoamento de Portugal, da Época Romana à Alta Idade Média</i> Jorge de Alarcão . . . . .	189
<i>Onde a cidade se encontra com a sua construção: passados e passos estratigráficos</i> Maria da Conceição Lopes . . . . .	199

## 4. IMAGENS DO PERCURSO . . . . . 209

## A arqueologia entre as artes de suspender o mundo

Sérgio Alexandre Gomes

Doutorado em Arqueologia pela FLUP e também seu antigo aluno em licenciatura e Mestrado de Arqueologia; Investigador do CEAUCP; sergioalexandregomes@gmail.com

Este texto escreve-se na leitura do poema “Os Arqueólogos” do livro “A Suspensão do Mundo” de Vítor Oliveira Jorge (2003). No Prefácio, Isabel Pires de Lima apresenta o livro como uma experiência de *estar entre* onde são criadas as condições de suspensão do mundo. Estar entre essas condições é uma oportunidade de trabalho de construção do mundo; de estar entre as suas transformações e originar movimentos. Parece ser neste sentido que a escrita se torna uma *arte de suspender o mundo*, onde se ensaia o *poder do texto e da encenação da palavra poética*. Ensaia-se, então, a possibilidade de, a partir do texto, iniciar novos sentidos que comandam movimentos de transformação. *Estar entre dois tempos – o passado e o futuro. Estar entre* para compreender esses dois tempos e escrever enquanto modo dessa experiência. Na leitura que nos propõe Isabel Pires de Lima parece existir a possibilidade de ler a prática arqueológica enquanto *arte de suspender o mundo*. O título do Prefácio – *Para refazer a história da terra em sentido inverso* – pode ser lido enquanto cruzamento destas artes. Um cruzamento onde a arqueologia se pode constituir uma arte de suspender as estratificações do mundo, de as experimentar enquanto possibilidade de compreender o mundo; de inaugurar sentidos.

Foi com estas sugestões que ensaiei a leitura de “Os Arqueólogos”, um texto dedicado aos que trabalharam nas escavações do Castelo Velho de Freixo de Numão e do Castanheiro do Vento (V. N. de Foz Côa); foi na experiência de estar entre esta memória das escavações e a memória de outras

experiências que tentei escrever entre “Os Arqueólogos”. Usei a memória de leituras do curso de Pensamento Crítico Contemporâneo onde fui aluno de Vítor Oliveira Jorge. Tentei criar um lugar para *estar entre* essas experiências. Escrevendo enquanto memória desse lugar. Li “Os Arqueólogos” enquanto exercício de suspensão; nessa leitura quebrei a sua ordem para escrever entre as suas estratificações.

\* \* \*

*e vistos todos os filmes, pensadas  
todas as imagens, uma interrogação persiste,  
como quando viramos a objectiva para a luz  
e um feixe insustentável enche o campo  
da visão, há uma paragem na explicação,  
como um atordoamento.*

Uma vertigem desarticula as estratificações. As ondas trespassam os sedimentos sacudindo os seus constituintes, fazendo-os precipitar. Afigura-se o necessário para desencadear; quebrar os elos que seguram os estratos e as suas derivações. Experimenta-se a beleza da possibilidade de transformação. Tudo é movimento neste gesto que suspende o mundo. Tudo é movimento neste gesto que precede o mundo. Movimento onde irrompem sussurros; qualquer coisa que precede as vozes do mundo que encerram as possibilidades de movimentos. Um sussurro em movimento. Um sussurro próximo e envolvente. Uma formação de proximidade sussurrante que, para se fazer ouvir, pede ao movimento um único circuito. Aí a proximidade sussurrante ganha volumetria, define os seus limites; faz-se ouvir. Faz-se ouvir enquanto voz próxima que circunscreve o movimento. Uma paragem que desmembra a suspensão do mundo, refazendo a anatomia que nos faz ver todos os filmes e pensar todas as imagens. Entre as fisionomias dos filmes e das imagens persiste o insustentável feixe de luz que trespassa a objetiva. Entre as fisionomias parece, pois, existir uma passagem que interpela e não permite explicar; o atordoamento. Já não é mais possível satisfazer o pedido de circuito da voz próxima; nem as fisionomias seguram uma sequência explicativa. Sem possibilidade de circuito e sequência, abrem-se as possibilidades de movimento. Sem possibilidade de circuito e sequência, não há forma possível para as expectativas; apenas a esperança de onde irrompem. Sem possibilidade de circuito e sequência, não

há desafio à explicação; apenas o movimento nómada que dirige a atenção aos sussurros. Não há desafio explicativo nesta atenção, é uma atenção de-sarticulada que vive da necessidade e da esperança de num dia compreender. Entre os desalinhamentos da voz próxima e do feixe insustentável que enche o campo da visão não há direção possível; apenas a força do movimento de esperança que faça compreender.

*os escavadores (refiro-me aos arqueólogos)  
têm, quando vistos num filme sem som,  
uma luminosidade especial.  
independentemente das horas do dia.  
do vento que agita as ervas em redor,  
das roupas sobre os corpos em movimento.  
há neles um encantamento, uma luz,  
que não se nota necessariamente no olhar  
(o qual pode até estar oculto),  
nem num gesto ou atitude particular.  
também não é do verão, do ruído intenso dos ralos,  
do calor que rodeia tudo,  
ou do facto de, ao longe,  
sobre as colinas arredondadas de xisto,  
o deslizar das sombras ir compondo permanentemente  
cenários diferentes.*

Há um brilho que promete uma nova língua. Não tem qualquer gramática, movimento ou sombra e, no entanto, é possível reconhecer a sua forma. Talvez seja o brilho que traz às coisas a sua medida. Um brilho que, ainda sem o peso das palavras, renova o encantamento dos atores que não falam; renova o encantamento dos espetadores que procuram compreender o diálogo desfasado dos movimentos que compõem a cena. Talvez este brilho se forme no desfasado movimento dos atores e das coisas; um movimento desfasado que vai polindo as superfícies dos atores e das coisas. Movimentos desfasados que traçam uma geografia de diálogos sempre em transformação. São diálogos que compõem cenários sempre diferentes; diálogos que, no seu desfasamento, anunciam a possibilidade do encontro com uma língua morta por nascer. O diálogo dos arqueólogos com as coisas é como o diálogo das sombras e das colinas arredondadas de xisto; é um diálogo que compõe permanentemente cenários diferentes. O deslizar das sombras vai polindo o relevo; desse diálogo, o olhar, face à permanente diferença, retém a memória

das suas geografias. A memória que move a esperança de num dia compreender; a memória de um instante antes das palavras que promete inaugurar uma nova língua. O brilho da experiência da procura das palavras e das coisas. Talvez o brilho dos arqueólogos seja o de um movimento inverso do qual aparentemente se faz a sua prática; um movimento que toca a matéria para lhe dar palavras. Talvez o seu brilho possa fazer-se do movimento que toca as palavras e procura na experiência da sua materialidade as dobras de onde emergem as coisas. Ou talvez este brilho se faça nos desfasamentos destes movimentos. Movimentos em que as superfícies se tocam, traçando os sulcos de onde emerge o brilho que interpela o olhar. Um desfasamento de onde emerge a necessidade de compreender.

*o que é certo é que quem os visita,  
e logo parte, nada tem a ver com isto,  
não compreende nada do que se passa ali.  
são vultos fugitivos, sombras da própria partida  
logo desde a sua chegada: ausências*

*os arqueólogos, os que ficam, parecem pessoas à beira  
de uma cratera, o seu passo é captável como o daquele  
que dá volta a um vulcão, e em cujas lentes brilha  
a cintilação da lava intemporal, da mica preta.*

Saem os espetadores; o filme parece ter terminado, apesar da sua incessante transformação. O silêncio reside agora no brilho negro do ecrã; na cintilação da lava intemporal, da mica preta. O brilho faz perpetuar o movimento. O brilho dos arqueólogos faz-se no desfasamento dos movimentos dos atores de um filme que, sem ninguém que o ouça, é apenas silencioso. Nas voltas ao vulcão, nas indecisões mudas desse movimento continua o incandescente movimento de querer compreender. Presos à cratera, da observação das suas fissuras continuam a emergir feixes luminosos que compõem o brilho; que compõem o atordoamento, no qual se refaz a promessa de, num dia, compreender. Os vultos fugitivos, sombras da própria partida logo desde a sua chegada, marcam a passagem dos dias; traçam no perpétuo movimento de transformação um calendário desfasado de um tempo se que consome noutros ritmos. Num ritmo marcado por decisões que, desde a cratera e das suas fissuras, vão criando linhas e malhas que fazem outros tempos. São malhas e tempo do dia prometido. Nesse dia, talvez as linhas e as malhas se tornem incandescentes entre as cintilações da lava intemporal, da mica

preta. Uma cintilação que desliza sobre a incandescência; uma cintilação que se molda ao raiado das linhas e das malhas. Deste cruzamento de luzes pode emergir um novo brilho que interpela a outras promessas; que refaz a esperança de outro dia.

*esta fascinação é um enigma.  
a música que se escuta num local destes permanece,  
como subsistem ao longo de todo o inverno  
os odores violentos das ervas secas contidas nas jarras.  
intensidade, luminosidade, como uma dor  
ou um prazer insustentáveis.  
os arqueólogos, que vivem debruçados  
sobre os tempos longos, suportam mal  
qualquer definição, têm dificuldades em explicar  
por que é que estão ali.  
mexer na terra, confundir-se com a cor do solo?  
só isso, não.  
adquirir, pela longa exposição ao sol e ao vento,  
uma textura de argila, de pedra, uma rugosidade  
que seja como uma pátina de qualquer sabedoria?  
também creio que não.  
estarem juntos entre blocos de luz e sombra,  
perto dos rastros dos bichos, do zumbido dos insectos?  
qualquer explicação é insuficiente.*

No decorrer das explicações, a luz e a sombra das linhas incandescentes do fascínio são calcinadas e perdem o seu brilho. A explicação delimita a propagação do brilho, cristaliza-o numa geometria domesticada que o faz desaparecer. O movimento de explicação vai macerando a fisionomia dos arqueólogos e as texturas da terra e das pedras. Porém, na insuficiência da explicação, joga-se o atrito deste movimento de maceração; faz-se uma resistência ao seu ímpeto definidor. Desta resistência, os lugares da explicação são pontos de partida para indagar o movimento da luz e da sombra de que são feitos os lugares. Faz-se da vontade da explicação em decidir o lugar, uma oportunidade de afrontar os andamentos das sínteses em que as decisões se constituem. Uma síntese que pode ser o endurecimento de articulações de movimentos desfasados; uma síntese que pode ser uma necessidade de re-visão dos brilhos. Uma síntese que pode lançar uma rede de decisões onde se tece a hemorragia do lugar; uma síntese que pode constituir-se um

atordoamento, onde a atenção se joga à escuta de outras vozes. Uma síntese onde se joga a oportunidade de abrir as possibilidades de decidir.

Abrir a possibilidade de decidir não como encadeamento de decisões, mas uma revisão da decisão que, discutindo o sentido e as ligações que permitiram decidir, pode apontar para outros movimentos. Os movimentos em que se suspende o mundo para refazer a esperança macerada pela explicação insuficiente. Um movimento de geometrias desfasadas em que o atrito não é um desperdício ou derivado do choque de forças, mas a promessa de um novo percurso. Um percurso que, desfazendo o encadeamento das decisões, pode, por conseguinte, abrir novamente as possibilidades de decidir. Não, porém, como jogo de indecidibilidade, mas como tentativa de abrir no carácter de resolução da síntese a possibilidade de novas decisões. Um trabalho que não é uma prática de fossilização de um percurso, nem uma errância de indecisões, mas uma prática de transformação das decisões tomadas nesse percurso. Uma transformação que passa por avivar as ligações que sustentam a decisão e, nessa incandescência das ligações, contrariar a naturalização da ordem que decorre dessa decisão. A naturalização que remeteria para uma discussão da verdade ou da falsidade das ligações em torno da decisão, ocultando que, na dinâmica dessa decisão, existe fundamentalmente um carácter ficcional que, nem é verdadeiro nem falso, mas constitutivo das verdades e das falsidades que se produzem no jogo das decisões. Uma ficcionalidade que não tem outro propósito senão o de catalisar as condições da compreensão; o lugar em que o atordoamento se transforma no lugar da emergência do mundo. Uma ficcionalidade que, interpelando a decisão, permite ver os brilhos e fazer sínteses. A ficcionalidade torna-se um elemento constitutivo das decisões. Um elemento constitutivo que, na força da irrupção da decisão, pode naturalizar-se, sedentarizando as possibilidades de decidir. Perante esta dinâmica, a síntese pode funcionar como movimento de naturalização. Um movimento que delimita o território de um modo de decidir sedentário. Um movimento que, na sua formalização, vai apagando todo o jogo de recorte e composição, toda a ficcionalidade que anima o jogo e, por conseguinte, o próprio jogo. A hemorragia do lugar. Porém, se é certo que a síntese pode fazer esta ocultação, pode também “fazer o contrário”. Sendo neste “fazer o contrário” que se encontra a necessidade da síntese, a necessidade de encontrar as ficções que viabilizaram o olhar face ao brilho. A possibilidade de aprender com a ficcionalidade que nos coloca no *estar entre* onde se con-fundem as artes de fazer mundo. Esta síntese seria um exercício de incandescência; um exercício em que a síntese não é a maceração explicativa em que se nivelam as superfícies, mas o uso do atrito para abrir a possibilidade infinita de renegociar as ligações entre as

texturas. De decidir, abrindo as possibilidades da decisão. De quebrar os encadeamentos para encontrar na fragilidade das geometrias que compõem os lugares; a possibilidade de um momento originário.

*hã-de reparar de longe, nas imagens de um filme lento:  
o seu movimento  
é como um ballado interminável, como uma interrogação  
que a brisa traz, mas ampliada em gemido  
que algum pássaro produz ao roçar a imagem,  
por detrás da câmara.*

Há um passado que se faz nas interrogações que a brisa faz acontecer. O pássaro produz, ao roçar a imagem, um desfasamento entre a mão, a câmara e o olhar. O desfasamento dos movimentos onde se faz o brilho que promete uma nova língua. Uma promessa em forma da memória da geografia dos movimentos que a geometria da relação da mão, do olhar e da câmara não previam. O passado acontece face a esta memória que surge no desajustamento dos movimentos; a memória de uma expectativa silenciada pelo sistemático jogo das geometrias. Nessa memória, o registo revela-se na sua potencia criadora; enquanto modo de fazer falar um passado por acontecer. A atenção desarticulada (que vive da necessidade e da esperança de num dia compreender) toma nos movimentos desajustados a oportunidade de se formalizar enquanto modo de inscrição; modo de emergência que ensaia a língua do sentido prometido. No desajustamento dos movimentos cria-se uma força inesperada; um choque de onde irradia um brilho que ainda não foi visto. O choque do atordoamento que aviva a construção da habitabilidade do mundo como desajustamento ensaiado entre o aleatório de um movimento, a força inesperada de uma atenção e uma memória por fazer.

## Bibliografia

- Agamben, Giorgio 2008 [1978], *Infância e História. Destruição da experiência e origem da história*, Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Benjamim, Walter 2010 [1940], "Sobre o Conceito de História" in *O Anjo da História*, edição e tradução de João Barrento, Lisboa: Assírio & Alvim: 9-20.
- Certau, Michel de 1982 [1975], *A Escrita da História*, Rio de Janeiro: Editora Forense-Universitária.
- Deleuze, Gilles 2005 [1986], *Foucault*, Lisboa: Edições 70.

Derrida, Jacques 2001 [1995], *Mal de Arquivo. Uma Impressão Freudiana*, Rio de Janeiro: Relume Dumará.

Foucault, Michel 1994 [1976], *História da Sexualidade I: A Vontade de Saber*, Lisboa: Relógico D'Água Editores.

Foucault, Michel 1998 [1969], *As Palavras e as Coisas*, Lisboa: Edições 70.

Foucault, Michel 2005 [1969], *A Arqueologia do Saber*, Coimbra: Almedina.

Foucault, Michel 2006 (1973), "A vida dos Homens Infames" in *Michel Foucault, o que é um autor?* organização de José A. Bragança de Miranda e António Fernando Cascais, Lisboa: Veja: 89-128.

Foucault, Michel 2006 [1983], "A Escrita de Si" in *Michel Foucault, o que é um autor?* organização de José A. Bragança de Miranda e António Fernando Cascais, Lisboa: Veja: 129-160.

Jorge, Vítor Oliveira (2003), *A Suspensão do Mundo*, Porto: Editor Ausência.

Lima, Isabel Pires (2003), "Para refazer a história da terra em sentido inverso", prefácio ao livro *A Suspensão do Mundo* de Vítor Oliveira Jorge, Porto: Editor Ausência, 7-11.

Magalhães, Rui (2000), "Da in-coerência: três reflexões sobre identidade" in *Diversidade e identidade: 1.ª Conferência Internacional de Filosofia da Educação*, coordenação de Adalberto Dias de Carvalho *et alii*, Porto: Universidade do Porto. Faculdade de Letras. Instituto de Filosofia: 277-284.

Quignard, Pascal (2003), *As Sombras Errantes*, Lisboa: Gótica.

Vilela, Eugénia (2010), *Silêncios Tangíveis. Corpo, resistência e testemunho nos espaços contemporâneo de abandono*, Porto: Edições Afrontamento.